POR PATRICK SELVATTI

Artista brasiliense, Gabriel Sanches vive personagem complexo em meio a um drama contemporâneo em *Dona de mim*

Corpo, mente e expressão

Luisa Worcman

ENTREVISTA//GABRIEL SANCHES

Com um humor ácido e sem papas na língua, o publicitário Breno, de *Dona de mim*, divide a opinião do público enquanto navega uma crise impensável: descobrir que o material genético de seu companheiro, Caco (Pedro Alves), foi doado — sem seu conhecimento — para um casal de conhecidas, as personagens Ayla e Gisele (Bel Lima e Luana Tanaka). "Breno e Caco têm tudo para serem um casal marcante na teledramaturgia brasileira. O que precisamos é de coragem para colocar tudo o que temos de melhor nessa história", declarou o intérprete do personagem, Gabriel Sanches, que é brasiliense, radicado no Rio.

No centro de um dos dilemas mais contemporâneos e comentados da atual novela das 19h, longe das câmeras, Sanches é um artista multifacetado que transita entre a atuação, a pintura e a cerâmica. Em uma conversa franca e reflexiva com a *Revista*, o ator abre o jogo sobre a complexidade de viver um personagem que foge dos rótulos fáceis de herói ou vilão, revela como constrói a química com o parceiro de cena e desvenda como a essência da cidade natal moldou sua visão de mundo e sua arte. "Eu sou apaixonado pela poesia que é Brasília", concluiu Gabriel, que, ao lado do também brasiliense Alessandro Brandão, forma o aclamado duo de drag queens Sara e Nina.

Como você lida com a ambivalência do Breno?

Não vou negar que tem um lado pessoal que me assusta em um primeiro momento quando leio comentários mais agressivos nas redes sociais, porque de alguma forma existe uma interseção de quem sou eu e quem é o Breno, um ponto de encontro ator-personagem. De certa forma, o Breno também sou eu, ou pelo menos é uma versão do que eu poderia ser se minha vida fosse escrita e conduzida por alguém externo que usa do meu corpo e minhas experiências para viver. O Breno não sou eu, mas eu sou o veículo de existência do Breno, então quando leio algo que rejeita o Breno, tem um psicológico envolvido que se crispa e reage com alarme. Mas, ao mesmo tempo, com inteligência, é sempre possível dissociar as coisas e no final das contas eu fico muito feliz que esteja acontecendo esse burburinho. Nas redes sociais, as pessoas estão protegidas por um véu ilusório onde tudo pode, ofender, zoar, agredir, tudo parece ser possível, então elas aproveitam para descer a lenha. Nesse sentido, leio os comentários procurando não valorizar tanto, mas entender, divertir-me com o que é para ser divertido e rejeitar o que não faz sentido. Até aqui, os comentários são agredindo o Breno discordando dele, amando e exaltando ele ou elogiando minha atuação.

Como você constrói essas camadas?

Acredito que, na dramaturgia da novela, apesar de saber que temos uma construção com início, meio e fim, mas por se tratar de uma obra extensa e aberta, como se diz, faz sentido me debruçar em um trabalho específico de cena a cena, bloco a bloco. É preciso dar atenção ao que existe até o momento, sempre com o vislumbre do que foi orientado previamente pela autora e pela direção, mas o foco vai estar no dia a dia. E assim, na interação com cada personagem, cada nova situação, tenho como ir construindo um ser mais complexo. Tem situações que podem ser mais leves, cômicas, ágeis e outras que vão exigir tensão, calma, raiva, por exemplo, ou tantas outras emoções complexas.

O que você acha que esse casal Breno e Caco precisa aprender ou superar para que isso seja possível?

Na verdade, acho que Breno e Caco têm tudo para serem um casal marcante na teledramaturgia brasileira, o que precisamos é de coragem para colocar tudo o que temos de melhor nessa história. É um exercício coletivo, inclusive. Coragem de quem escreve, de quem dirige, de quem produz, de quem atua. Se estamos nessa sintonia, acreditando juntos nessa história, ela vai ser possível!

Além de ator, você também pinta, faz cerâmica e arranjos artísticos para decorar sua casa. De onde vem essa necessidade de criar com as próprias mãos? A atuação e as artes manuais são expressões de uma mesma veia artística para você?

Já faz tempo que entendi uma coisa sobre o meu trabalho, algo essencial para minha expressão: necessito de materialidade, meu corpo é minha ação e expressão no mundo. Minha mente é parte desse corpo, ela funciona melhor vivendo a ação do corpo. Ficar prospectando, conjecturando, analisando, calculando, filosofando, estudando ou executando qualquer atividade que priorize